

Martha Baptista

Cantos de Amor e Saudade

A história de Cáceres contada
através das lembranças de vó Estella

 entrelinhas

Cuiabá, 2005

© Martha Baptista, 2005.

Edição e projeto gráfico
Maria Teresa Carracedo

Capa
Helton Bastos

Ilustração da capa
Almira Reutter

Editoração
Candida Bitencourt

Revisão
Cristina Campos

Fotos

Acervo/reprodução: IHGM de Cáceres/MT • Museu Histórico, de Cáceres
• Arquivos de família de Estella Ambrósio • Capa: acrílica sobre tela “Etrúria”
(70 x 50 cm) de Almira Reuter (2002), foto de Rafael Palamin Manzutti

Produtor Cultural
Luiz Antônio Tolotti

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Baptista, Martha

Cantos de amor e saudades : a história de Cáceres contada através das
lembranças de vó Estella / Martha Baptista. -- Cuiabá : Entrelinhas, 2005.

ISBN: 85-87226-31-2

1. Ambrósio, Estella 2. Cáceres (MT) - História 3. Literatura-reportagem.
4. Mato Grosso - História. I. Título. II. Título: A história de Cáceres contada
através das lembranças de vó Estella.

05-0120

CDD-981.722

Índices para catálogo sistemático:

1. Cáceres : Mato Grosso : Estado : História
981.722

Contato com a autora: martharb@terra.com.br

 entrelinhas

Av. Senador Metello, 3.773 – Jardim Cuiabá Cep: 78.030-005 – Cuiabá, MT
Tele/fax: (65) 624 5294 – www.entrelinhaseditora.com.br – e-mail: editora@entrelinhaseditora.com.br

Estella Ambrósio e os filhos Noelita e
Ricardo, na década de 1930.
Acervo: Álbum de família



À memória de meus pais, Júlio e Nilzalina; de meu irmão José Feliciano (Zezinho); Estella Rodrigues Ambrósio, Aurestina Fontes e todas as pessoas que me ensinaram a amar este Mato Grosso de tantas histórias. Às minhas filhas, Diana e Marina, frutos desse amor.



José Medeiros

Fazenda Descalvados,
Cáceres-MT.

Agradecimentos

Agradeço a todos que contribuíram para a realização deste trabalho, especialmente ao Prof. Natalino Ferreira Mendes, pela confiança depositada em mim desde o primeiro encontro; ao meu tio Natalino Fontes e à minha prima Martha Fontes Graça, por sua generosidade; e à minha irmã Jane, pelo carinho com que se dedicou à revisão dos originais.

Quero registrar também meus agradecimentos aos parceiros da mais recente etapa desta viagem: o engenheiro Adílson Reis, o Núcleo de Documentação de História Escrita e Oral da Unemat (Nudheo), a artista plástica Almira Reuter, José Medeiros, Pedro Paulo Pinto de Arruda, a editora e *designer* gráfica Maria Teresa Carrión Carracedo e a Rede Cemat.



Embarque-desembarque no
Porto Mário Corrêa (s/d).

Acervo: Álbum de família



Passado, presente e futuro

Só o PASSADO verdadeiramente nos pertence.

O presente... O presente não existe.

Le moment où je parle est déjà loin de moi.

O futuro diz o povo que a Deus pertence.

A Deus... Ora, adeus!

Manuel Bandeira



Vapor Etrúria.



Apresentação

A Prof^ª Martha Baptista, num projeto desenvolvido junto à Assessoria de Cultura da Universidade do Estado de Mato Grosso (Unemat), propôs-se a realizar um livro onde contaria a história de Dona Estella, uma senhora que veio para Cáceres nos anos 20 e que viveria aqui toda a sua vida. Poucos projetos são efetivamente cumpridos como este, em todas as suas propostas.

O resultado é um romance-reportagem sem o vício do gênero nos anos 70, sem a pretensão de cobrir na literatura o que o jornalismo não pode assumir. Aqui, é uma opção clara de alguém que domina muito bem o código de sua área específica, o jornalismo, e que soma a isso sua sensibilidade de filtrar e perguntar aquilo que vai poder constituir o melhor texto: neste caso, é aquele que dá conta de dispor o discurso da história sem perder o contato com o estético. Assim é o livro escrito pela Prof^ª Martha: estilo arejado, leve e sedutor.

Aliás, é nesse casamento feliz que poderíamos dizer que o texto é um romance histórico dos mais bem realizados. Do ponto de vista histórico, é de uma ética inegável. As vozes são colocadas em cena com o máximo de imparcialidade, delegando o sentido dos acontecimentos não a uma visão castradora do narrador, mas expondo-os, a fim de que o leitor tire as suas conclusões. Isso pode ser observado de maneira autêntica, por exemplo, no

capítulo onde se trata da passagem da Coluna Prestes por Cáceres, no final da década de 20. Do ponto de vista estético, o trabalho muito consciente e lúcido dá o equilíbrio e a sobriedade, numa linguagem rica e clara.

A memória que se articula nas palavras de Dona Estella, a protagonista do romance, e na linguagem esclarecida e objetiva de narradora atenta e sensível aponta para um aspecto muito importante que torna o texto bem acabado: trazer para o presente o motivo do passado é, sobretudo, redimensionar esse presente. Nesse sentido, podemos dizer com tranquilidade que temos um romance histórico, cujo fio que entretém a narrativa é a história de amor de Dona Estella pelo marido, Dr. Nito. Não é uma história de amor que se aproveita dos acontecimentos para contar-se. É, antes, uma história una, tão articulado o percurso do casal aos acontecimentos que o romance seria impensável se se subtraísse um dos elementos.

O domínio e a seriedade com que foram tratados todos os assuntos abordados neste livro leva-me a afirmar a importância substancial dessa obra para o entendimento da história de Cáceres e de Mato Grosso e, acima de tudo, para a compreensão de que a alma humana é infinitamente generosa e, de tal forma, que a leitura deste texto nos leva a uma certeza: o homem é capaz de humanidade.

Vera Maquêa

Professora de Literatura da Unemat – Cáceres-MT

Nos liames de vidas

Quando Scheerazade contava, a memória mantinha o fio da existência, gerando histórias novas que venciam a morte em mil e uma noites. Os contadores de Cantos de Amor e Saudade, romance-reportagem de Martha Baptista, constroem os lugares de memória nos liames das narrativas que animam as personagens e o leitor. Nesse elã, a arte de narrar reside na épica relação entre sentimentos e movimentos que fazem da matéria origem e vida. Os cantos que fluem das páginas transformam a substância narrada em seiva que alimenta o coração e o espírito numa simbiose de real e maravilhoso, de tradição e de crenças parcelas de divino que costuram as tênues fronteiras dos acontecimentos. Veríamos aí o *daimon*, ou presença antropomorfisada do Olimpo e do terreno em contraste com o *chronos* cósmico; o tempo do movimento não estabilizado, mas que busca a pluralidade dos aspectos viscerais do ser humano.

A primeira impressão me vem pelo título “Cantos de Amor e Saudade”. Sugere o mito-poético lugar do poder de construção do ato de narrar; a segunda acende o desejo de antenar os ouvidos para os relatos ao sabor das goteiras que respingam lembranças nas vozes coletadas pelo pensamento. Surge o texto que, por sua força interior, engendra outros textos reproduzidos pelo trabalho de edificação da memória.

Diríamos que este é um livro para ser lido pelo menos duas vezes: uma sofregamente, porque o seu estilo jornalístico é fluente e claro, intenso e elegante. A segunda leitura, mais sorvida, permite reflexões sobre a história de uma cidade oitocentista e sobre histórias de vida; induz o leitor a distanciar e aproximar imagens, refazer pormenores e emoções que acompanham todo o desenrolar da narrativa. A experiência da leitura dá uma fisionomia nova ao que foi possível reconstruir dos acontecimentos, ocupando lugares do passado no presente, substância mesma da vida de cada um.

A autora presentifica o ritmo da percepção do outro e reencontra nos espaços da memória o tempo concretizado no espaço da narrativa e na ação das personagens. A memória tem qualidade épica, pois entrelaça vidas que escrevem histórias. É a jornalista que luta com a palavra que, à revelia do poeta, não é luta vã, pois dela surge necessidade do encontro com a personagem-tema e a construção da narrativa entretecida no caos da memória. Radicada em Cáceres, Martha Baptista escreveu “Cantos de Amor e de Saudade” movida por desejos: cumprir tarefas e fazer história. O primeiro, ela mesma o explica na introdução da sua obra, é fruto de um projeto institucional, quando estava como professora da Unemat. O outro é inconsciente. Subjaz às histórias e às emoções dirigidas para o exterior, procurando mais humanização através do confronto com outras histórias. O que torna “Cantos” um importante livro é que o seu processo criativo move-se no sentido dos batimentos do coração, dispostos por substâncias informes, como é a própria substância da invenção, que consiste na capacidade de eleger um objeto e no poder de reordenar as idéias sugeridas por ele.

As personagens que incorporam as histórias tecidas na narrativa movimentam-se trançando tramas e vivendo dramas. As vozes se unem e se distanciam, cada qual compondo, a seu turno, a célula de uma outra história. A personagem-tema é Estella, uma estrela dos céus cariocas que, rendida pelo amor, veio brilhar nos céus pantaneiros nas primeiras décadas do século XX. Suas lembranças, coletadas pela sensibilidade da jornalista-pesquisadora, ligam-se à imagem de um tempo e de um lugar. Juntamente com a personagem, o leitor tem se rendido ao longo desses anos em que a obra teve circularidade e penetração, transformando-se em referência no Estado.

No todo, “Cantos de Amor e de Saudade” tem a grandeza da simplicidade. O seu tema dominante é o amor: pela vida, pela cidade e pelo povo. Não há efeitos dramáticos nem complicados recursos literários. O seu colorido é mantido pelo frêmito da paixão, dos medos, dos amores e do movimento dos quadros insinuantes sustentados pela ação das personagens que saltam

das páginas para se alojarem nas emoções do leitor. A autora, simplesmente, colhe-as para compor a refulgência e o colorido da memória capaz de produzir os mais variados matizes do amor à terra e à gente que nela vive. E, afinal, o sentimento que nos subjuga é o da saudade, palavra pouco explicada, mas totalmente sentida nos liames do texto.

Não faltam, pois, motivos para justificar a edição desta obra. O primeiro é a coragem do escritor interiorano que, à revelia das dificuldades, traz à lume suas obras. Rompe as barreiras do previsível e se lança nas aventuras da busca da tradição literária pelas frestas de uma temporalidade tecida com rigor profissional e com os fios de uma narrativa de leitura agradável para um público que transcende o estritamente acadêmico.

O segundo motivo é o preenchimento de uma lacuna na história de Cáceres pelo viés do romance-reportagem que nasceu do encontro com a personagem-tema e com a bibliografia que se incorporou à idéia da criação. Em ambos, a capacidade de recompor o tempo da narrativa, da história e da memória pela multiplicidade de vozes que nos conduzem, ao longo das três partes que compõem a obra, nos meandros das muitas histórias contadas, tornando-nos, também, fazedores de histórias. Nessas vozes sobressai a da autora, que traz com seu gesto de leitura as possibilidades de construção de memórias, descobrindo o insondável e o inominável e imprimindo o seu caráter de pesquisadora respeitada e de fina sensibilidade, marcas de sua própria identidade pessoal e profissional.

Obrigada, Martha Baptista, por me tornar co-partícipe da sua criação.

Olga Maria Castrillon Mendes

Professora de Literatura da Unemat – Cáceres-MT

Considerações da autora

Este livro nasceu quase por um acaso. Conheci de passagem uma senhora – na época prestes a completar 87 anos – e pude constatar que ela falava um inglês fluente e elegante, coisa rara em qualquer lugar do Brasil, principalmente em Cáceres. Fiquei encantada com a sua figura esguia, a voz jovial e a fisionomia alegre. Com certeza, ela era diferente da maioria dos idosos que eu conhecia. Procurei me informar sobre aquela pessoa tão simpática e fiquei sabendo que ela era a professora de inglês mais antiga da cidade. Resolvi ir à sua casa e convidá-la para um encontro com os meus alunos de Língua Inglesa do curso de Letras da Universidade do Estado de Mato Grosso (Unemat). Ela recusou o convite com delicadeza, dizendo que estava se restabelecendo de uma dengue. Conversamos mais um pouco e ela me contou vários episódios de sua vida. Diante da minha sugestão para que escrevesse uma autobiografia, respondeu que gostaria muito, porém não sentia mais disposição para fazê-lo.

Quando saí de lá, tive um clique: “Eu vou escrever esse livro”. Propus a ela o trabalho, que foi aceito com satisfação. Aproveitei um período de greve na Unemat para colher os primeiros depoimentos, munida do meu velho gravador. Como eram gostosas essas conversas, recheadas de emoções e lembranças tão queridas! Quando reiniciou o período de aulas e ficou mais

difícil continuarmos nossos bate-papos, começou a amadurecer a idéia de transformar esse projeto num trabalho institucional.

Um outro encontro veio me ajudar a consolidar esse plano. Uma amiga, Terezinha Costa, jornalista no Rio, falou-me sobre um curso que fizera com o professor de Comunicação da USP (Universidade de São Paulo), Edvaldo Pereira Lima, que tinha lançado um livro, “Páginas Ampliadas”, com sua tese sobre o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. Graças, principalmente, a ele e a outro trabalho maravilhoso, “Memória e Sociedade: lembranças de velhos”, de Ecléa Bosí, consegui montar o meu projeto de criação de um livro-reportagem, contando a história de Cáceres e baseado nas memórias de antigos moradores, entre eles, é claro, dona Estella Ambrósio.

O projeto acabou aprovado através da Assessoria de Cultura da Unemat, que me forneceu um gravador melhor e muitas fitas para continuar a colher meus depoimentos. Agora, não se tratava mais de ouvir somente dona Estella, a lista dos entrevistados foi crescendo. O primeiro nome a ser acrescentado foi o do professor Natalino Ferreira Mendes, historiador nato de Cáceres, que, com sua memória prodigiosa e generosidade ímpar, contribuiu substancialmente para a continuidade do projeto. Em seguida, vieram Lúcio Pinto de Arruda, Aída Figueiredo, Arestina Fontes, Natalino Fontes, Hugolino Corbelino, José da Lapa Pinto de Arruda, José Fulgêncio de Campos, Feneleu Egues Deluque, Otacílio de Oliveira, Alfredo José de Silva, Andreza Martins dos Santos, Maria Silvana de Souza e Irene Ribeiro de Pinho – os sete últimos contatados através do Projeto Conviver, da Prefeitura de Cáceres. O critério básico para ouvir os depoimentos era o entrevistado ser bem idoso e ter boa memória.

As conversas eram tão prazerosas que a vontade de continuar e ampliar a lista dos entrevistados era enorme. Mas eu tinha estabelecido prazos para o projeto e precisava transcrever as conversas das fitas para o papel, tarefa extremamente cansativa e demorada. Resolvi botar no papel todo o material colhido e só retornar ao trabalho de campo, caso considerasse necessário, para esclarecer alguma passagem obscura.

Paralelamente às entrevistas, fui fazendo outras leituras, buscando conhecer melhor o passado de Mato Grosso com o objetivo de me embasar mais para escrever o livro. Por intermédio de uma amiga alemã, Martina Neuburger, que estava fazendo uma pesquisa no Brasil, entrei em contato com duas obras que me descortinaram um horizonte novo e amplo: “História Oral”, de Paul Thompson, e “História Oral: a experiência do Cpdoc”, de Verena Alberti. Confesso que, por algum tempo, fiquei até um pouco

confusa: afinal, que tipo de livro vou escrever? Não sou historiadora, nem domino as ferramentas do ofício...

Uma segunda leitura de “Páginas Ampliadas”, de Edvaldo Pereira Lima, devolveu-me o eixo de equilíbrio. Defino o meu trabalho como um livro-reportagem, uma forma ampliada de jornalismo, mais profunda que o jornalismo diário, que se utiliza de técnicas da literatura e se permite um retorno ao passado na busca de um sentido para a trajetória humana.

“Trazer sentido para o homem contemporâneo é encontrar os valores que perduram no tempo e hoje se revestem de nova roupagem, mas o valor primordial lá estava, num passado perdido na poeira do tempo” (Lima, 2004, p. 334).

Minha proposta é trazer para o presente um pouco do passado de Cáceres, através das lembranças de Estella Ambrósio e outros antigos moradores. É uma maneira de resgatar a minha história, de buscar um sentido para a minha passagem por aqui e de contribuir para a literatura da região.